

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Tio Simplicio



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Tio Simplício

(Teatro)

Publicado originalmente em 1846.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 454



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: *“Tio Simplício”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vénus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

TIO SIMPLÍCIO

COMÉDIA

PESSOAS:

MANUEL SIMPLÍCIO

LUÍS DE MELO

DONA CÂNDIDA

DONA LÚCIA

DONA TERESA

DOUTOR SIMÕES

VICENTE

Lugar da cena – uma quinta na província.

Representada, a primeira vez em Lisboa, no teatro Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome, em onze de Abril de MDCCCXLIV.

ATO ÚNICO

Sala ornada com elegância. Portas no fundo, e portas laterais. Uma caixa de costura sobre uma viera à direita, à esquerda outra banca com escrivaninha.

CENA I

DOUTOR SIMÕES, VICENTE; depois D. TERESA.

VICENTE – Faz favor de entrar, senhor doutor; eu vou chamar o senhor Manuel Simplício.

SIMÕES – Porquê, ainda está na Cama?

VICENTE – Não, senhor, há mais de duas horas que anda por esse palácio com os armadores e os pintores, toda essa gente que ele mandou vir da cidade.

SIMÕES (*à parte*) – O palácio! Chama-se agora o palácio! Fidalguias da senhora D. Teresa. (*Alto.*) Deixa-o estar, não o incomodes. Aqui vem a senhora D. Teresa. (*Vicente sai*)

D. TERESA – Oh! é o senhor Simões...

SIMÕES – As minhas homenagens respeitosas e humildes à madame la belle mère.

D. TERESA – Deu em se fazer desejar o senhor doutor: há um século que o não vejo.

SIMÕES – Não se queixe, minha senhora, é bom sinal! Quando o médico falta, é que não falta a saúde. Que notícias temos das Caldas? Desde que foi a senhora D. Cândida, não tenho que fazer nesta casa, senão vir de vez em quando perguntar se volta... se já voltou...

D. TERESA – Ainda não: amanhã partimos nós, eu e seu marido, para a irmos buscar.

SIMÕES – Há de estar impaciente o nosso Manuel Simplício, morto de saudades pela sua rica noiva.

D. TERESA – Oh! essa justiça lhe faço eu; estremece-a, adora-a, é louco por ela.

SIMÕES – Cada vez me glorio mais de ter feito este casamento.

D. TERESA – É verdade, acertou. E é o seu forte: por isso dizem que os doentes do doutor Simões são mais os que casam do que os que saram.

SIMÕES – Assim é, convenho. A minha medicina é toda filosófica e moral, é a verdadeira homeopatia transcendente; curo os contrários com os contrários. São os meus princípios. Manuel Simplício era meu amigo e meu doente; sujeitei-

o à minha clínica, fi-lo casar. Pobre Simplício! não tinha a menor ideia de fazer tal.

D. TERESA – Pois deve-lhe estar muito obrigado, ele...

SIMÕES – Também me parece que pela sua parte a. senhora D. Teresa não tem de que se queixar. Manuel Simplício tinha-se deixado estar solteiro um par de anos... um bom par de anos, a falar a verdade... voltou do Brasil milionário e sexagenário ou muito perto disso: – eram hábitos velhos: Olhai que com todo o amor que lhe inspirou a senhora D. Cândida, resistiu muito tempo... Tinha aquela ideia fixa de não querer deserdar um certo sobrinho que Deus lhe deu, e que é o único parente que tem. Desde lá do Cantagalo, ou do Ouro Preto, ou do jacaré Açú, ou não sei de que bentas terras de Minas Gerais, donde esteve cavando essa riqueza toda que trouxe, vinha com o projeto feito de comprar esta quinta, e de fundar aqui no caro sobrinho uma dinastia de fidalgos de aldeia que perpetuasse a memória dos Simplícios por essas gerações adiante.

D. TERESA – Bem sei... um tal sobrinho a quem ele quer muito... Felizmente que não é senão sobrinho... que estes solteirões velhos às vezes...

SIMÕES – Esteja descansada; o meu amigo Manuel Simplício tem um caráter fraco, a dizer a verdade, mas lá nisso...

D. TERESA – Sim, é o que se chama um bom homem.

SIMÕES – Boníssimo. E dali não há que desconfiar.

D. TERESA – Não, não, e o pior é que há dezoito meses que estão casados e... e nada! Bem vê que tenho razão de recear, doutor: se meu genro viesse a falecer sem filhos...

SIMÕES – Há de tê-los, há de tê-los... Um marido de sessenta anos! isso é infalível.

D. TERESA – Bem o desejo; mas Cândida há dois meses que está nas Caldas, e parece-me longa de mais esta ausência. Eu não estava aqui quando ela foi,

estava em Lisboa por causa daquela maldita demanda que me demorou até agora: não cheguei senão há três dias; quando não, tinha-me oposto a esta viagem, ou pelo menos havia de acompanhar eu minha filha.

SIMÕES – Bom seria; mas a senhora D. Cândida está muito bem acompanhada. Em primeiro lugar levou consigo a prima Lúcia...

D. TERESA – Lúcia! Está bom... E quase da idade dela.

SIMÕES – E ambas as primas foram na companhia aqui da senhora D. Joana Pacheco, e de seu marido o nosso governador civil, pessoas de todo o respeito... É outro casamento que eu fiz também.

D. TERESA – Mas para que havia de ela sair de casa, ir agora para as Caldas? Estava doente?

SIMÕES – Pois enfim já que é preciso dizer-lhe, estava... estava doente... aborrecia-se, tinha histéricos, tinha nervos, tinha vapores... Eu já não sabia o que lhe havia de receitar, mandei-a para as Caldas.

D. TERESA – O que me admira é o marido deixá-la ir assim... Mas calemo-nos que ele aí vem.

CENA II

MANUEL SIMPLÍCIO e DITOS.

SIMPLÍCIO (*entra, recuando, da esquerda, e falando para o bastidor*) – Olhem lá aquela cômoda que não está direita... deixem descair mais o espelho... as cortinas mais tomadas... Sacode a franja... Agora sim, ah! bom! assim. (*Virando para a cena.*) Como passou a noite, senhora D. Teresa? Bela mamã... Não é assim que se deve dizer, doutor?

SIMÕES – Parfait! à moda de Paris. Está outro, está guapo, amável como um estrangeiro o nosso Simplício. E a saúde excelente sempre?

SIMPLÍCIO – Quanto à saúde... Espere, dê-me licença. *(Torna a virar-se para a porta da esquerda.)* O toucador à esquerda... a jarra do Japão no canto, ali ao pé da janela.

SIMÕES – Então que é isso? Mobilamos de novo estes quartos para aqui?

SIMPLÍCIO – É o quarto particular da minha mulher... o boudoir, bela mamã: não é assim que se chama?

D. TERESA – Sim, é.

SIMÕES – Agora que tudo vem de França, modas, palavras, ideias...

SIMPLÍCIO – Algumas... das palavras são mais bonitas sem dúvida. Por exemplo, bela mama, para não dizer sogra, que é uma palavra tão feia.

SIMÕES *(à parte)* – Como a coisa: e já é dizer.

SIMPLÍCIO – Mas outras, a falar verdade... esta de boudoir, nem eu sei bem o que isso quer dizer, mas não me agrada.

D. TERESA – É uma expressão bonita, e para pessoas de bem, senhor Simplício; não há senhora nenhuma na corte que não tenha o seu boudoir.

SIMPLÍCIO – Ah! se as fidalgas da corte têm o seu boudoir, isso é outro caso, também minha mulher há de ter o seu; e por isso é que eu... *(Tornando-se a virar para a porta.)* O sofá e o vis-à-vis à direita... defronte do espelho; o aparelho de Saxônia em cima da mesa. Vão devagar e aviem-se.

D. TERESA – Em se tratando da mulher anda aquela cabeça...

SIMPLÍCIO *(voltando para a cena)* – Agora aqui me tem, meu doutor.

SIMÕES – Então já sei que vai buscar a sua bela metade.

SIMPLÍCIO – Vou, meu amigo, e já era tempo; pesa-me esta viuvez. Minha mulher é tão alegre, tão divertida, tão viva; nem eu sei como tenho podido viver estes dois meses tão compridos, sem a ver.

SIMÕES – Mas porque não foi com ela?

SIMPLÍCIO – Isso queria eu, mas ela e que não quis pela muita amizade que me tem: entendeu que me fazia mal as Caldas. Coitada! é tão minha amiga...

SIMÕES – É um anjo.

SIMPLÍCIO – E além disso aproveitei esta ocasião para reedificar este lado esquerdo da casa... do meu palácio... era um gosto que ela fazia; achava-o triste, gótico; e eu, obras é a minha paixão.

SIMÕES – Também daí não se segue mal nenhum... uma pequena ausência aviva mais a ternura conjugal.

SIMPLÍCIO – A minha não precisava disso, doutor. Mas, enfim, já lá vai: agora em ela voltando fica a minha felicidade quase completa; digo quase, porque verdade seja... completa, completa não é... quando penso naquele pobre rapaz meu sobrinho...

D. TERESA – Sempre com este sobrinho!

SIMPLÍCIO – Sequer, se ele soubesse do meu casamento...

SIMÕES – Pois quê, não lhe deu parte?

SIMPLÍCIO – Não, ainda não; ele está lá para Lisboa, tão longe... e este casamento, corra sabem, fez-se com tanto segredo e tão depressa...

D. TERESA – Com efeito, meu genro, a sua fraqueza faz aflição, e uma coisa que nunca se viu, um tio que tem medo que o sobrinho lhe ralhe.

SIMPLÍCIO – E que a falar a verdade, ele tinha razão se ralhasse, se me dissesse o que eu me digo a mim mesmo. A minha posição é mais delicada do que cuidam. Luís é filho de minha irmã, irmã querida e única, excelente criatura, mas que não tinha nada de seu: foi casar com um cavalheiro muito ilustre, muito fidalgo, creio eu, mas que nunca passou de tenente do regimento – de... e morreu deixando-lhe... este filho. Achei-a viúva quando voltei do Brasil, e quase morta... Com toda a minha riqueza mal pude adoçar-lhe os últimos instantes da vida. Parece-me que a estou vendo ainda, moribunda, apertando-me a mão, e recomendando-me o filho; jurei-lhe que o tomava Por meu, que lhe havia de servir de pai, e enfim deixar-lhe toda a minha fazenda. Renovei o juramento trinta vezes em cartas, em conversas com Luís quando ele aqui veio estar comigo há dois anos; e decerto que tinha firme intenção de o não quebrar. Não sei como foi que se meteu o diabo nisto...

D. TERESA – Senhor Simplício!

SIMPLÍCIO – Não foi o diabo, não, minha senhora, perdoe-me por quem é... Mas como hei de eu dizer a meu sobrinho que o enganei, que lhe faltei à palavra, que sou um mau tio, caí em... que... enfim que estou casado?

D. TERESA – Por fim de contas é preciso acabar por lho dizer.

SIMPLÍCIO – Sim, daqui a algum tempo, veremos... Mesmo agora seria dificultoso porque não sei o que é feito dele.

D. TERESA – De seu sobrinho?

SIMPLÍCIO – já me dá cuidado. Há coisa de um mês, ou um mês e meio, que recebi uma carta dele, avisando-me que sala de Lisboa, e que vinha passar algum tempo comigo. Imaginem o meu susto; andei quinze dias com febre... mas não veio, e de então para cá não soube mais dele.

D. TERESA – Excelente ocasião de lhe escrever, deixando cair duas palavras sobre o casamento.

SIMPLÍCIO – Acha?... Há de afligi-lo muito, coitado!

D. TERESA – Olhem a grande desgraça! E muito amor de mais para um sobrinho, senhor Simplício, é uma ternura desarrazada e fora de todo o termo, que não diz com o seu novo estado. Dá-lhe tudo quanto ele quer... deixa-lhe fazer despesas exorbitantes...

SIMPLÍCIO – Pudera! Se lhe eu não mandasse dinheiro, vinha-o ele cá buscar.

D. TERESA – Pois sim, mas é preciso acabar com isto... uma carta pelo correio e adeus! não se pensa mais nisso, e fica feito.

SIMÕES – Siga o parecer da senhora D. Teresa; não se pode viver nesse desassossego, é preciso tranquilizar-se.

SIMPLÍCIO – Então querem por força...

D. TERESA – E se se demora, escrevo-lhe eu.

SIMPLÍCIO – Não se altere, bela mamã, já o vou fazer.

D. TERESA – Pois é já, aqui.

SIMPLÍCIO – Neste momento.

D. TERESA – Ora graças a Deus!... E no entretanto vou eu à cidade a casa do governador civil: ele vai amanhã conosco buscar a mulher; combinaremos a hora da partida.

SIMÕES – Quer que lhe ofereça o meu braço, minha senhora?

D. TERESA – Com muito gosto. Senhor Simplício, olhe agora se se esquece.

SIMPLÍCIO – Bem sabe que quando eu prometo uma coisa...

CENA III

SIMPLÍCIO, *Só.*

Ora vamos a isto... já que não há remédio. (*Põe-se à mesa e prepara-se para escrever.*) Maldita carta! se eu sei por onde hei de principiar... O Luís é muito bom rapaz... mas fica furioso... E então um tio... uma pessoa de respeito... ter de se acusar diante do seu sobrinho... ter de lhe confessar!... quase que é pedir-lhe perdão... Tem que se lhe diga, é de exame... Mas quem manda é minha sogra; vamos. (*Escreve.*) “Meu sobrinho... meu rico Luís...”

CENA IV

SIMPLÍCIO, VICENTE e depois LUÍS.

VICENTE – (*no fundo*) – Senhor?...

SIMPLÍCIO – Vêm-me interromper... Inda bem! – Que queres tu, Vicente?

VICENTE – Senhor, um senhor, um rapaz novo que lhe quer falar.

SIMPLÍCIO (*levantando-se*) – Um rapaz novo!... Quem é? Conhece-lo?

VICENTE – Não senhor, não quis dizer quem era, diz que lhe queria aparecer de repente para lhe dar um alegrão.

SIMPLÍCIO – Ai. meu Deus! Que suores frios!...

VICENTE – Mando entrar?

SIMPLÍCIO – Pois Sim... certamente... (*Vicente sai.*) Oh! que tolice estar-me eu a assustar! Não pode ser. (*Vai ver ao fundo.*) Jesus! é ele, é o Luís... Tremem-me as pernas, não me posso ter...

LUÍS (*olhando muito para o tio sem o conhecer*) – Oh senhor, perdoe! o seu criado enganou-se, eu procuro o senhor Manuel Simplício.

SIMPLÍCIO (*abrindo os braços*) – Luís, meu sobrinho!

LUÍS – Meu tio! (*Abraçam-se.*)

SIMPLÍCIO – Então já me não conhecias?

LUÍS – Minha palavra de honra que não. E se o tio se não visse a si desde o tempo que eu o não vejo, há dois anos, aposto o que quiser que não era capaz de se reconhecer a si mesmo. Jesus! como está mudado!

SIMPLÍCIO (*assustado*) – Achas?

LUÍS – Mas dou-lhe os parabéns, tio, está outro, não tem comparação: anda direito, está fresco e belo... e então tafulo!... não tem que ver, é uma transformação completa.

SIMPLÍCIO – Ah! isso é outra coisa.

LUÍS – E tanto que, se vamos neste andar, em Poucos anos está mais moço que eu.

SIMPLÍCIO – Sim, eu agora ando bom... E tu, meu Luís, como vamos de saúde? E a respeito de?... vamos: diverte-se a gente?

LUÍS – Assim, assim, meu tio... Mas aqui está o que é ser homem solteiro! O tio vive sem pesares, sem cuidados...

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Está bom... não desconfia de nada... estou mais sossegado. (*Alto.*) Tu hás de estar moldo da viagem, homem?

LUÍS – Não, tio. – Ora o que me fez mais barulho logo assim à primeira, foi o seu modo de vestir: eu que o tinha visto sempre de calça justa por baixo da bota, e com aquela sua casaca, vi-lo agora achar de penteado moyen-âge, fraque à inglesa!...

SIMPLÍCIO – Sabes tu que já me davas cuidado?

LUÍS – Oh! meu querido tio, mas é que realmente está um petimetre... Ai, Deus me perdoe! pois foi-se também? coitado!

SIMPLÍCIO – Quem?

LUÍS – Aquele rabichinho tão galante, tão travesso, que o tio trazia, e que realmente. era...

SIMPLÍCIO – Era um incômodo, pegava-se à gola da casaca...

LUÍS – Que metamorfose! Pois eu por mim gostava mais do outro tio dantes... Este, a falar a verdade, parece-me um tio virado.

SIMPLÍCIO – Então! não me acabas de analisar dos pés à cabeça.

LUÍS – Porquê? Deixe-me gozar da minha admiração. Até a quinta e esta casa toda está que ninguém a conhece. Era tão triste! e agora tem um ar de opulência, de animação. Não parece senão que andou por aqui alguma fada boa.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Está insuportável com as suas reflexões. (*Alto.*) Então que queres? Aborreci-me da vida de ermitão que levava, comecei a viver com gente... por aqui os vizinhos... pessoas muito de bem... bem vês... para os receber em casa era preciso...

LUÍS – Fez muito bem, tio... isso é que eu acho de juízo. Quantas vezes lho tenho dito?... que não sabe gozar da sua fortuna... gaste... divirta-se... não se apoquente por amor de mim... Contanto que me deixe o que lhe sobrar, ainda me há de ficar bastante.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Pobre rapaz!... Está-me enterrando punhais no coração...

LUÍS – Não é que eu despreze a riqueza... por certo não; e muito sinceramente lhe digo se me não dá de ser rico. Mas graças a meu tio, nunca me faltou nada. E particularmente há um ano a esta parte, ou dezoito meses... têm fervido os

cartuchos de peças, as notas do banco... de modo que para as poder gastar foi-me preciso emprender esta pequena viagem.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – E eu que cuidei que assim é que o impedia de vir!

LUÍS – Faz favor de me dar uma pitada, tio!

SIMPLÍCIO – Uma pitada!... pois tomas tabaco?

LUÍS – Às vezes, da caixa dos outros.

SIMPLÍCIO – É um mau vício... Eu deixei-me dele.

LUÍS – Mais outra mudança... É extraordinário!

SIMPLÍCIO – Tu hás de precisar de tomar alguma coisa. Deixa-me chamar Vicente. (*Toca a campainha.*)

LUÍS – Vicente?... É um dos criados novos? À entrada dei com uma quantidade de lacaios, todos moços tafulos... de librés novas... A propósito que caminho levou a Gertrudes... a sua ama velha que era tão sua amiga?

SIMPLÍCIO – Coitada! estava bem velha.

LUÍS – Pouco mais ou menos da sua idade.

SIMPLÍCIO – Aposentei-a... estabeleci-lhe uma pensão... mas não se fala nisso... que foi às escondidas.

LUÍS – Como, às escondidas? Pois meu tio não é senhor do que é seu? Quem é que tem direito de?...

SIMPLÍCIO – Não, certamente... ninguém tem direito de... mas é que, bem vês... há sempre más-línguas... podiam entrar a supor... E este diabo deste Vicente sem vir!

(*Toca com violência a campainha, depois duas ao mesmo tempo.*)

LUÍS – Devagar, meu tio, não se impaciente... dá-me tanto gosto estar aqui a conversar...

VICENTE (*entrando*) – O senhor quer alguma coisa?

SIMPLÍCIO – Em te chamando estás sempre uma hora primeiro que venhas... Vai preparar de almoçar o mais depressa possível.

VICENTE – Vou já, senhor. (*Sai.*)

LUÍS (*à parte*) – O que é que ele tem este meu tio?

SIMPLÍCIO – No entanto, meu amigo, conversemos um pouco a teu respeito... dos teus negócios... que a minha amizade não é como o mais, essa é sempre a mesma. – Agora quando tu chegaste, te estava eu a escrever.

LUÍS – Deveras?

SIMPLÍCIO – É verdade. Para saber novas tuas... davas-me cuidado... Escreveste-me há dois meses que saías de Lisboa...

LUÍS – E com efeito parti... mas demorei-me no caminho... fiz uma voltazita para chegar aqui... E sucedeu-me uma aventura interessantíssima... Hei de-lha contar.

SIMPLÍCIO – Ah maganão! madama no caso?

LUÍS – Nada, nada. Desta vez é uma menina... uma menina solteira... um anjo!

SIMPLÍCIO – Melhor, melhor, porque enfim tu não tens nada que te empeça... de... casar.

LUÍS – Casar!... não tenho pressa... na minha idade... quando a gente se diverte... que é feliz...

SIMPLÍCIO – Ah... maroto... com quê casar... para você, e como o tomar tabaco?
Não quer senão da caixa dos outros...

LUÍS – Se visse como ela é bonita? Disse-me que ia para Lisboa... Eu não quis
passar tão perto daqui sem lhe vir dar um abraço, tio; mas a falar verdade... se
não fosse...

SIMPLÍCIO – Dize, explica-te.

LUÍS – Tenho medo de o desgostar.

SIMPLÍCIO – Não importa... anda, dize.

LUÍS – Pois a verdade é... que estou morrendo por ir atrás dela... e queria-lhe
pedir licença para me logo pôr a caminho.

SIMPLÍCIO – Faze o que quiseres, filho... eu antes queria ter-te aqui algum
tempo comigo... mas uma vez que é impossível...

LUÍS – Impossível não; se o tio quer...

SIMPLÍCIO – Não, não te incomodes... Queres partir hoje?

LUÍS – Amanhã de manhã... que lhe parece?

SIMPLÍCIO – Cai mesmo a propósito... tinha-me esquecido de to dizer; também
eu parto amanhã... uma digressãozita pequena.

LUÍS – Para a banda do Porto... ou para Lisboa?

SIMPLÍCIO – Não, o contrário.

LUÍS – O contrário!

VICENTE (*no fundo*) – Senhor, o almoço está na mesa.

SIMPLÍCIO – Vai almoçar, anda, rapaz... desculpa-me que te não posso fazer companhia... almoço muito mais cedo.

LUÍS – Era o que faltava, que fizesse agora cerimônia comigo.

SIMPLÍCIO – Vicente?

VICENTE (*chegando-se*) – Senhor.

SIMPLÍCIO – Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

VICENTE – Basta, senhor, esteja descansado.

SIMPLÍCIO – Luís?... Ensina-lhe o caminho, Vicente.

LUÍS – E é preciso; está tudo tão mudado, tão grandioso... não sei se eu acertaria com a casa de jantar.

CENA V

SIMPLÍCIO (*só*) – Ah! respiremos... Umas poucas de vezes me ia perdendo... que fortuna estar minha mulher fora de casa!... Enfim como ele parte amanhã, daqui a alguns dias lhe escreverei. Por hoje, tomando as minhas precauções... acautelando-me e tal, posso-me ainda livrar... A Vicente recomendei-lhe segredo, e que advertisse os outros criados... O caso agora é prevenir minha sogra... tarda bem! (*Vai ao fundo.*) Parece-me que a oiço... Ei-la aí com efeito... Que senhoras são estas que vêm com ela? Santo Deus!... minha mulher... Cândida! E a prima Lúcia... Está tudo perdido.

CENA VI

SIMPLÍCIO, D. TERESA, D. CÂNDIDA, D. LÚCIA.

SIMPLÍCIO – Minha querida filha... Como ela vem bonita! (*Abraça a mulher.*)

D. LÚCIA – Então, e a mim, primo, não me diz nada?

SIMPLÍCIO – Adeus, minha rica Lúcia.

D. TERESA – Quando eu entrava em casa do governador civil, chegava a caleça destas senhoras.

D. LÚCIA – Não me esperavam tão cedo?... Não cabe em si de contente o primo.

SIMPLÍCIO – Decerto... Estou numa alegria... Mas o que – estava ajustado era irmo-las nós lá buscar.

D. LÚCIA – Foi Cândida que quis vir por força; andava aborrecida, numa melancolia...

SIMPLÍCIO – E é verdade... não reparei ao princípio. Tu que eras tão alegre, tão...

D. TERESA – Saudades do marido, da sua mamã... Não é assim, minha filha?

D. CÂNDIDA – Sim, mamã, sim... já não podia estar sem os ver, precisava de vir para aqui, de... Eu não tenho andado boa.

SIMPLÍCIO – Doente! Oh! já, já chamar o doutor.

D. LÚCIA – Não é preciso, encontrámo-lo, e não tarda ai decerto... é uma visita mais que se conta.

SIMPLÍCIO – De que serve ir às Caldas para vir doente? Então vocês não se divertiram?

D. LÚCIA – Nada, não! Divertimo-nos imenso; todos os dias bailes, funções, passeios.

SIMPLÍCIO – Espera... não ouviram passos aqui por este lado?

D. TERESA – Não...

SIMPLÍCIO (*sosegando*) – Ah i então iam ao baile... tinham funções?...

D. LÚCIA – Não faz ideia, primo; era uma delicia. E sabem? Cândida e eu passávamos por meninas solteiras.

SIMPLÍCIO – Ah?... Cândida também!...

D. LÚCIA – Também: foi uma brincadeira que muito nos divertiu. Maria do Ó, a mulher do governador, é que fazia de mamã: foi concertado com ela. Era um gosto ver como todos nos queriam fazer a corte... à Cândida mais, porque andava mais tafula, mais rica... Muito rimos nós com ver os rapazes que queriam casar com ela.

SIMPLÍCIO – Sim?... tinha sua graça.

D. LÚCIA – Era o que eu lhe dizia: é pena que não possas casar duas vezes... tinha muita graça.

D. TERESA – Muito pouca gravidade nesses brinquedos, Lúcia; cada vez me pesa mais não ter eu ido com vocês.

D. LÚCIA – Ó tia, posso-lhe afirmar que a gente não fazia caso nenhum deles... dos nossos rendidos. Pela minha parte, só um ou dois é que poderiam assim...

SIMPLÍCIO (*sobressaltado*) – Oiçam!... parece-me que senti abrir uma porta...

D. TERESA – E então!... creio que está a sonhar.

SIMPLÍCIO – Não fale tão alto... Tem um metal de voz esta senhora!

D. TERESA – Então que é isto? Aqui há coisa extraordinária.

SIMPLÍCIO – É verdade, há: então que quer?... Estou num lance, num aperto...

D. TERESA – Porquê? diga.

SIMPLÍCIO – Porquê?... porque está ali ele... chegou.

D. CÂNDIDA – Ele quem?

SIMPLÍCIO – Meu sobrinho.

D. TERESA – Seu sobrinho está aqui?

D. LÚCIA – Aquele que era seu herdeiro, e de quem se escondeu este casamento?

SIMPLÍCIO (*fazendo-lhe sinal que fale baixo*) – Esse mesmo... Está resolvido a partir amanhã, e eu quero ver se faço com que ele parta hoje.

D. TERESA – Tem razão... seu sobrinho há de ser rapaz galante, certamente: se, ficasse aqui... podia haver receio...

SIMPLÍCIO – Receio... medo de tudo!... Mas já agora não há outro remédio senão este, é não lhe aparecer. Vão para os seus quartos e deixem-se estar até... até à tarde, não é muito tempo.

D. TERESA – Também sou desse voto.

D. LÚCIA – Que pena!. Uma casa tão só como esta, e onde quase nunca se vê uma figura humana!

D. TERESA – Minha sobrinha!

D. LÚCIA – Eu não disse isto pela tia.

D. CÂNDIDA – Não façam caso do que ela diz. Há de-se fazer como querem: a mais interessada nisso sou eu. Seu sobrinho não pode ter gosto em me ver: há de-me ter por sua inimiga; eu estimo muito mais não o encontrar.. Além disso basta que seja sua vontade...

SIMPLÍCIO – É um anjo, um gênio de pomba... Ora isto... isto! Tê-la eu aqui ao pé de mim, depois de uma ausência tamanha, e vir este diacho deste Luís...

D. LÚCIA – Luís!

D. CÂNDIDA – Luís!

SIMPLÍCIO – Sim, e o nome dele. Então prometem estar em segredo todas três!

D. LÚCIA (*à parte*) – E mais eu tinha bem curiosidade.

SIMPLÍCIO – Perdoa-me, Cândida, separar-me de ti... O que era melhor era irem-se fechar na casa do café no jardim... está mais longe, mais só.

D. CÂNDIDA – Pois Sim, como quiser.

SIMPLÍCIO – Vão por dentro dos quartos, que não sintam ele...

CENA VII

SIMPLÍCIO e depois LUÍS.

SIMPLÍCIO (*à parte, da esquerda, seguindo com os olhos a mulher*) – Que pena! Nunca a vi tão boa comigo, tão mansinha, tão... Adeus, adeus! (*Atirando-lhe beijos.*)

LUÍS (*entrando da direita*) – Apre, senhor meu tio.

SIMPLÍCIO (*fechando a porta de repente*) – Heim! Então que é isso?

LUÍS – Digo-lhe, meu tio, que a sua cozinha sempre está! seguiu a marcha da civilização; é deste século o seu cozinheiro, é um homem de luzes, não tem dúvida.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Pregou-me um susto!...

LUÍS – Agora, meu tio, estou pronto a correr os seus estados: venha-me mostrar as mudanças, os melhoramentos, todas essas coisas novas... Leio-lhe nos olhos que está morrendo por isso, e eu também estou com minha curiosidade de saber...

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Como há de ser para o resolver a partir já?

LUÍS – Primeiro vamos ao jardim se quiser... Parece-me de longe uma casa de fresco nova... e linda... É um quiosque... ou é?...

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Tem um instinto para me atormentar, este meu sobrinho!... (*Alto.*) Com muito gosto eu ia... mas estou num cuidado...

LUÍS – Coisa que o aflige, tio?

SIMPLÍCIO – E verdade; e não sei como to hei de dizer.

LUÍS – Alguma notícia desagradável?

SIMPLÍCIO – Muito desagradável! (*À parte.*) Bom! chegamos a elas. (*Alto.*) Uma carta de Lisboa, que recebi neste instante, em que me avisam que uma casa em que eu tinha bastante dinheiro, cem mil cruzados, está a falir.

LUÍS – Diacho! É terrível essa.

SIMPLÍCIO – Agora o ponto era não perder um instante... Bem vêes que a mais pequena demora... Eu tinha-me lembrado que talvez tu... se te não desse...

LUÍS – De partir hoje? Em casos tais não se olha a coisa nenhuma: estou à sua disposição.

SIMPLÍCIO – Queres? Não esperava menos de ti. Vou escrever depressa duas palavras. e trazer-te os papéis necessários... Tratarás de te entender com o meu correspondente.

LUÍS – Em o tio acabando monto a cavalo.

SIMPLÍCIO – Meu Luís! Ninguém tem um sobrinho como eu. (*À parte.*) Estou livre dele. (*Alto.*) Espera aqui, eu venho já. (*Vicente atravessa o teatro do fundo para a esquerda com uma caixa de chapéus, um xaile e um guarda-sol de senhora.*)

LUÍS – Tio Simplício!

SIMPLÍCIO – Heim!

LUÍS – O que é aquilo que ali vai? o seu criado com um xaile... um guarda-sol de senhora?

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Bonita a fez Vicente! tem um juízo!

VICENTE – Chama-me, o senhor?

SIMPLÍCIO – Não, não; vai-te.

LUÍS – Então tem senhoras em casa o tio, e não mo dizia?

SIMPLÍCIO – Senhoras... Ah! sim... é que fiem já me lembrava... E uma pessoa... uma senhora daquela quinta no alto... Vai para o Porto... e...

LUÍS – Ah! vai para o Porto! anda tudo por aqui a viajar, pelo que vejo.

SIMPLÍCIO – Teve medo de descer na liteira lá daquelas alturas... ofereci-lhe que viesse aqui esperá-la... e...

LUÍS – É mais cômodo... E é moça a tal senhora?

SIMPLÍCIO – Está bom! Uma idade respeitável. Querem ver que já tu cuidavas?... Oh! está sossegado, não tenhas medo. Quando me acontecesse... Adeus! não tardo aqui dez minutos.

CENA VIII

LUÍS DE MELO (*só*) – Senhor meu tio, senhor meu tio! aqui há coisa, seja ela qual for. Por modo que se quer ver livre de mim. já esta manhã não instou comigo para ficar. E agora de repente esta casa de Lisboa que quebrou assim como de encomenda... Aqui há mistério... Eu já tinha minhas suspeitas... Este casarão velho todo arranjado de novo... meu tio deixado de tomar tabaco... com o rabicho cortado... E este luxo, estes trastes elegantes... E esperem; eu ainda não tinha visto aquilo... uma caixa de costura... isto não pode ser. (*Abre a caixa.*) Tal e qual. Bordados... lãs!... Que maganão que é o tio Simplício! Demitiu a Gertrudes velha, e deu o lugar a alguma criadinha moça e tafula, meia ama, meia criada... O costume! É o flagelo dos solteirões velhos. Pobre tio Simplício! Mas onde a tem ele escondida? Se terá ciúmes de mim? Oh! isso agora é que me faria rir.

CENA IX

LUÍS e D. LÚCIA.

D. LÚCIA (*entrando pé ante pé*) – Não posso resistir. Por força hei de ver este sobrinho que mete medo a toda a gente.

LUÍS – Esta não é má! Eu lhe prometo que hei de descobri-la... Vou revolver a casa toda. (*Vai a sair.*)

D. LÚCIA (*dando de repente com os olhos nele*) – Ai!

LUÍS – É possível!

D. LÚCIA – Pois é o senhor?

LUÍS – A Sr.a D. Lúcia aqui? Conhece meu tio Simplício?

D. LÚCIA – Seu tio!... Então o senhor é que é o sobrinho?

LUÍS – Que feliz acaso! Tenho tantas coisas que lhe perguntar!... E primeiro que tudo, aquela menina que andava em sua companhia nas Caldas... sua prima, creio eu... onde está, que é dela? Aqui... estou vendo. Não se separaram...

D. LÚCIA – Pois separámo-nos, e bem sabe o senhor... Porquê? ela não lhe disse que voltava para Lisboa?

LUÍS – É verdade, e foi tudo quanto me disse... Mas a Sr.a D. Lúcia conhecer meu tio? De onde o conhece? Dar-se-à o caso que sejamos parentes? Não veio sozinha para esta quinta... decerto. Fica aqui muito tempo?

D. LÚCIA – Não, não senhor, foi um acaso... de passagem...

LUÍS – Ah! vai para o Porto?

D. LÚCIA – Dê-me licença que me retire... Se nos vissem aqui a conversar...

LUÍS – Que quererá dizer isto?... Temos outro mistério...

CENA X

DITOS e SIMÕES.

SIMÕES – Ah! Sr.a D. Lúcia! Venho correndo com uma pressa... O Sr. Simplício disse que viesse, que viesse... quer que lhe eu veja imediatamente a mulher.

LUÍS – Sua mulher!

SIMÕES – Certamente.

D. LÚCIA (*à parte*) – Vamos já dar parte a minha tia. (*Escapa-se pelo fundo.*)

LUÍS – Então meu tio é casado?

SIMÕES (*à parte*) – Ai, que é o sobrinho!... Fi-la bonita.

LUÍS – É horrível... é indigno isto! Casar-se, e ocultar-me o seu casamento! Nunca cuidei que fosse capaz de me enganar assim...

SIMÕES (*à parte*) – Vejamos se o sossego. (*Alto.*) Venha cá, senhor; a coisa não é tão feia como lhe parece.

LUÍS – Mas enfim como se fez este casamento?... que tempo há... com quem? Há de sabê-lo o senhor... creio que é seu amigo.

SIMÕES – Sou... isto é, sou o seu facultativo.

LUÍS – Não vem a ser bem a mesma coisa... mas não importa... Quem é que lhe meteu na cabeça semelhante loucura? Não foi coisa dele... é que abusaram da sua fraqueza.

SIMÕES – Permita-me que lhe diga que os meus princípios me não deixam meter em negócios de família; todo o meu tempo é dos meus doentes... Há de permitir... (*querendo partir*).

LUÍS – Por quem é, senhor, responda-me... Quem é esta mulher?... Está aqui na quinta? Não poderei sequer ao menos vê-la?...

SIMÕES – Torno a repetir-lhe, senhor... Mas espere... olhe: aqui vem uma senhora que lhe pode explicar tudo isso muito melhor do que eu. (*Aparece D. Teresa no fundo.*)

LUÍS – Uma senhora!

SIMÕES – Safa! lá se avenham como puderem. (*Vai-se pela esquerda.*)

CENA XI

LUÍS, D. TERESA.

LUÍS (*à parte*) – Querem ver que é esta? Com a fortuna!... E tem-me cara de o ser...

D. TERESA (*à parte*) – Há de estar desesperado... mas eu o farei entrar na razão.

LUÍS – Minha senhora... acabo de saber neste instante...

D. TERESA – Que seu tio está casado?... Sim senhor, é verdade; e fez muito mal em lho encobrir... por meu voto não foi; e se ele tomasse os meus conselhos, há muito que seu sobrinho o saberia.

LUÍS (*à parte*) – Bem no dizia eu!... É minha tia. Vamos... o doutor não deixa de ter razão... o mal não é tamanho como se cuidava.

D. TERESA – Seu tio tem-lhe muita amizade; e eu espero que o senhor não há de procurar, nem pelas suas palavras nem pelo seu procedimento, destruir a felicidade de um parente que o tem enchido de benefícios.

LUÍS – Assim é, minha senhora.

D. TERESA – E se assim não fosse... eu bem sei como me hei de haver... desde já lho declaro.

LUÍS (*à parte*) – Parece-me extremamente amável a tal minha tia. (*Alto.*) Confesso-lhe, minha senhora, que no primeiro momento... não pude ser senhor de mim... Bem vê que era natural... eu não sabia que este casamento tinha sido tão acertado, tão igual... em todos os sentidos.

D. TERESA (*à parte*) – Que quererá ele dizer com isto?

LUÍS – E não posso deixar de louvar a meu tio o ter escolhido uma esposa cujas qualidades amadurecidas pela idade e pela experiência...

D. TERESA (*à parte*) – isto é mangação, ou?...

LUÍS – E pela minha parte... eu também espero que me não hão de alienar o coração de meu tio; e que em vez de perder a sua amizade, antes hei de merecer a da minha respeitável tia. (*Faz-lhe uma inclinação profunda.*)

D. TERESA (*à parte*) – Pois então!... não está persuadido que!... Não me atrevo a desenganá-lo.

LUÍS (*à parte*) – Meu pobre, desgraçado tio!... Foi mesmo de quem estava abandonado de Deus.

CENA XII

DITOS e SIMPLÍCIO.

SIMPLÍCIO (*entrando*) – Luís, aqui tens a carta e os papéis... (*Parando.*) A sogra! justos céus!

LUÍS (*dando-lhe a mão*) – Toque, meu tio, toque. (*À parte.*) Coitado!

SIMPLÍCIO (*admirado*) – Com muito gosto, meu Luís... mas dizes-me isso com um modo...

LUÍS (*chamando-o de parte*) – já sei a desgraça que lhe sucedeu.

SIMPLÍCIO (*em voz baixa*) – A desgraça?

LUÍS – Caluda!

D. TERESA (*à parte*) - Deus queira que me não vá ele agora desmentir!

LUÍS (*compungido*) – Diga-me se é feliz, tio; preciso saber se é feliz, tio Simplício.

SIMPLÍCIO – Ora esta! Que pergunta! Tu conheces-me, sabes que não me amofino facilmente... E demais, quando a gente é livre, quando é...

LUÍS – Quando é casado...

SIMPLÍCIO – Heim! Que dizes tu... (*Assustado.*)

LUÍS – Eu sei tudo, meu tio.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Deus do céu, que horrível sogra! Foi ela que me deixou a perder.

LUÍS – Não receie das minhas queixas, tio, não; realmente é um casamento muito razoável.

SIMPLÍCIO (*muito animado*) – Não é verdade? Parece-me que é muito razoável... Entretanto há pessoas que notam a desproporção da idade.

LUÍS – Nessa parte têm sua razão. Meu tio é muito moço de mais para ela, mas.

SIMPLÍCIO – Estás zombando?

D. TERESA (*à parte*) – Que estarão eles dizendo?

LUÍS – Salvo, contudo, se inclinação antiga, de outros tempos... e de...

SIMPLÍCIO – Antiga!... O quê?... como?

LUÍS – Então... algum amor de infância... a sua primeira paixão... Porque não seria?

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Que me melem se eu entendo o que ele diz.

LUÍS – No seu tempo havia de ser bela mulher... E examinando-a bem inda agora...

SIMPLÍCIO – Heim? Examinando quem? (*Olha para todos os lados.*)

LUÍS – Veja o perfil. (*Apontando para D. Teresa.*) É clássico... Veja... é como dizem agora os jornalistas, é plástico... Eu não sei bem o que é, nem eles... mas não importa.

SIMPLÍCIO – Sim, sim; ainda tem os seus restos... (*À parte.*) Começo a desconfiar.

LUÍS – Ora vamos, já sei; é alguma paixão do seu tempo... Mas fale com ela: é esquisito estarmos nós assim a, conversar para aqui sós, *à parte*...

SIMPLÍCIO – É verdade... (*A D. Teresa.*) Minha se... minha querida, pelo que vejo já informou... tu já informaste meu sobrinho...

D. TERESA – O acaso fez tudo... e eu assentei que não devia negar...

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Que excelente invenção! (*Alto.*) Olha... não sabes quanto sou feliz; e se conhecesses tua tia... é um anjo, um serafim. (*Beija a mão de D. Teresa.*)

LUÍS (*à parte*) – Ainda bem que a vê com tão bons olhos!

SIMPLÍCIO – Quanto a ti, meu caro Luís, este casamento pouco te deve assustar... a idade da minha mulher...

D. TERESA – Senhor!...

SIMPLÍCIO (*a D. Teresa*) – Cale-se: é para o persuadir mais.

LUÍS (*à parte*) – Não é muito amável com a noiva o tal meu tio Simplício.

SIMPLÍCIO – Podes ficar descansado, não tens que recear de outros herdeiros...

D. TERESA – Basta, senhor, basta.

LUÍS – Meu tio!...

CENA XIII

DITOS e SIMÕES.

SIMÕES (*à parte*) – Estão juntos, e tiveram já tempo de se explicarem.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – O doutor? Sempre vem fora de propósito.

SIMÕES – Andava à sua procura, Sr. Simplício, porque queria dizer-lhe que se não falham certos indícios, a cara esposa não está muito boa.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Oh meu Deus!

SIMÕES – Ainda não posso definir o que é... mas tem alguma coisa... parece-me que não há dúvida: também já era tempo...

D. TERESA – Está louco, doutor, não é possível... e pelo menos... Eu nunca me senti tão bem.

SIMÕES – A Sr.a D. Teresa?

SIMPLÍCIO – Certamente: basta vê-la, aquela cor... aquela frescura.

SIMÕES – Então, então, entendamo-nos.

D. TERESA (*baixo ao doutor*) – Cale-se, doutor.

SIMÕES (*à parte*) – Ah! isso é outro caso; pelos modos cometi outra imprudência.

SIMPLÍCIO – O doutor queria assustar-nos. (*A parte.*) Pobre Cândida, e eu sem estar ao pé dela.

SIMÕES – Em todo o caso eu voltarei outra vez, preciso estudar os sintomas.

SIMPLÍCIO – É isso, venha jantar conosco, verá que apetite que ela traz... E tu, meu sobrinho, podes voltar para Lisboa, sem o menor cuidado na saúde de tua tia.

(*Saem o doutor e D. Teresa.*)

CENA XIV

SIMPLÍCIO, LUÍS.

LUÍS – Partir? então sempre quer que parta?

SIMPLÍCIO – Que remédio? Aquela quebra... os meus dez contos de réis!...

LUÍS – Tinha-me. dito cem mil cruzados.

SIMPLÍCIO – Cem mil cruzados, é verdade... Maior motivo para te apressares... Toma: aqui está a carta e os papéis.

LUÍS (*pegando-lhe*) – Basta, meu tio. (*À parte.*) Cuidas que me enganas?...

SIMPLÍCIO – A mala está no teu quarto onde tu costumavas ficar.

LUÍS – Sim senhor, meu tio. (*Vai-se.*)

CENA XV

SIMPLÍCIO (*só*) – Ah! desta vez ainda eu escapei. Safa, que medo! Mas a pobre Cândida que está à minha espera... Se eu fosse... enquanto meu sobrinho está no seu quarto arranjando-se... É arriscado, mas não importa: vou. (*Toma para a porta da esquerda.*)

CENA XVI

SIMPLÍCIO, D. CÂNDIDA.

D. CÂNDIDA – Está só?

SIMPLÍCIO – És tu, querida? Então vieste só para me ver, anjinho? (*Com pieguice.*)

D. CÂNDIDA – Tenho que lhe dizer... e é coisa séria. Está certo que ninguém nos ouve?

SIMPLÍCIO – Meu sobrinho foi para o seu quarto aprontar-se para partir.

D. CÂNDIDA – Seu sobrinho já sabe tudo: disse-mo Lúcia. Descobriu o nosso casamento e diz que me quer ver.

SIMPLÍCIO – Qual! não fazes ideia que engano tão gracioso. Pois não foi cuidar o pateta do rapaz que tua mãe era a minha mulher?

D. CÂNDIDA (*com ironia*) – Ah!... Sim?...

SIMPLÍCIO – E ratão... não achas? Pobre rapaz! Pois digo-te que tenho remorsos de o enganar desta maneira! Mas eu o recompensarei quando se casar, que me parece que há de ser cedo.

D. CÂNDIDA – O quê? Pois pensa!...

SIMPLÍCIO – Penso!... Ele contou-me certos segredos...

D. CÂNDIDA (*com vivacidade*) – Quais? Diga, não posso sabê-los eu?

SIMPLÍCIO – Por ora não há nada positivo... Uma menina que ele adora... que espera encontrar em Lisboa... Mas que tens tu? Estás agora pior: que sentes?

D. CÂNDIDA – Bem sabe que a minha saúde... O doutor havia de lhe dizer...

SIMPLÍCIO – Ora o doutor não sabe o que diz. Eu acho-te melhor do que antes da jornada... O teu rosto tomou uma expressão... (*Quer abraçá-la.*)

D. CÂNDIDA – Vou-me embora... Jesus, se seu sobrinho!...

SIMPLÍCIO – Por modo que ainda tens mais medo dele do que eu?

D. CÂNDIDA – Confesso-lhe que enquanto ele aqui estiver...

SIMPLÍCIO – Não receies... por um momento que estou só contigo... (*Quer abraçá-la.*)

CENA XVII

Ditos e D. LÚCIA.

D. LÚCIA (*do fundo*) – Meu primo... senhor Manuel Simplício?

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Agora é a prima... Que diabo de parentela!

D. LÚCIA – Tu aqui, Cândida?

SIMPLÍCIO – Vamos, priminha, que quer?

D. LÚCIA – E que seu sobrinho, andava eu a passear no jardim... e... ele viu-me da janela...

SIMPLÍCIO – Imprudente! Para que saiu? Tinha-me prometido não sair?... (*Ouvindo bulha.*) Aí vou, aí vou depressa. Temos ainda outra história que arranjar.

D. LÚCIA – Contanto que ele me não seguisse.

SIMPLÍCIO – Andem, entrem ambas para aquele quarto, e não me saiam dali.

D. LÚCIA –.Veja se nos deixa fechadas até amanhã.

SIMPLÍCIO – Vamos, que eu as avisarei quando ele tiver partido. Tomem sentido; quando esta campainha tocar, que é sinal... Maldito sobrinho! Não o torno a largar enquanto o não vir a cavalo. (*Vai-se*)

CENA XVIII

D. CÂNDIDA, D. LÚCIA.

D. CÂNDIDA – Lúcia, vamo-nos daqui.

D. LÚCIA – Ora! pois não. O tio que o prenda para ele cá não vir.

D. CÂNDIDA – Tu fizeste mal em lhe aparecer.

D. LÚCIA – Sim! havia de estar todo o dia fechada! E demais, eu não sei para que mandam o rapaz embora.

D. CÂNDIDA – Então! é a vontade de meu marido.

D. LÚCIA – Tu não lhe disseste que o tínhamos encontrado nas Caldas?

D. CÂNDIDA – Não. E faz-me o favor de o não dizeres a ninguém... Lembra-te que mo prometeste.

D. LÚCIA – Porquê? Talvez isso fizesse com que ele ficasse... E sabes que mais?... olha, falando a verdade, este é um dos dois que se me não dava...

D. CÂNDIDA – O quê? pois tu... Dar-se-à o caso que tu?...

D. LÚCIA – Decerto... E ele... pareceu-me ler-lhe nos olhos... quando dançávamos ambos... Adiante! Eu cá me entendo.

D. CÂNDIDA – Talvez te enganes...

D. LÚCIA – Sim, bem sei o que queres dizer, que também a ti te fazia a corte... Pode ser, não digo que não. Homens! É sabido. Mas eu bem vi que ele dançava contigo por tu seres minha prima, nada mais. De sorte que bem sei que para ti, Cândida, que ele fique que não fique, é a mesma coisa, porque já estás casada. Agora eu... se ele aqui se demorasse algum tempo... Quem sabe... têm-se visto coisas mais extraordinárias.

D. CÂNDIDA – Deixa-te disso, Lúcia... não penses em tal.

D. LÚCIA – Mas porquê?

D. CÂNDIDA – Porque te cansavas de balde... Este rapaz não te faz conta...

D. LÚCIA – Se eu já te disse que me fazia conta...

D. CÂNDIDA – Lembra-te que ele se vai embora... que daqui a uma hora estará muito longe daqui... e é provável que nunca mais o vejas...

D. LÚCIA (*vendo Luís*) – Nada, não! Olha, ele aí vem.

D. CÂNDIDA – Ah!...

CENA XIX

DITAS e LUÍS.

LUÍS (*a D. Cândida*) – Que vejo! Ah! tinham-me enganado ambas.

D. LÚCIA – Onde está o Sr. Manuel Simplício?

LUÍS – Não tenha receio, fechei-o à chave no meu quarto.

D. LÚCIA (*rindo*) – Ah! ah! ah! Tocou-lhe a sua vez de ficar preso.

D. CÂNDIDA – Anda., Lúcia, vamo-nos embora... Vamos já, vamos.

LUÍS (*segurando-a*) – Não, não me escapa segunda vez, desengane-se... Cuidava ir encontrá-la em Lisboa, e venho achá-la aqui. Que mistério é: este? É preciso explicar-mo, Sr.a D. Cândida.

D. CÂNDIDA – Explicar-lhe, o quê?

LUÍS – Hei de sabê-lo, quero sabê-lo.

D. LÚCIA – Para que é mau? Que tem o senhor com isso? faz favor de me dizer.

D. CÂNDIDA – Lúcia, faze-me o favor de ir soltar o Sr. Simplício. Eu não devo consentir que...

D. LÚCIA – Tens medo que ele se aborreça de estar fechado?

LUÍS – Sim, minha senhora, vá... vá por caridade soltar o meu pobre tio... Eu não me atrevo a fazê-lo... Há de estar num acesso de cólera contra mim!

D. LÚCIA – Como ambos querem, lá vou.

LUÍS – Vá... (*à parte*) que a chave está aqui.

D. LÚCIA (*à parte*) – Ai, ai! parece-me que o que eles querem é ficar sós. (*Alto.*)
Eu vou; eu vou. (*Sai.*)

CENA XX

LUÍS, D. CÂNDIDA.

LUÍS – Estamos sós... agora explique-me, responda-me.

D. CÂNDIDA – E se me fosse impossível fazê-lo? Por quem é não inste mais... Por bem do meu sossego lhe peço que não inste... que não pergunte nada a ninguém... e que não procure mais ver-me...

LUÍS – Não tornar a vê-la! Porquê?... Duvida da minha ternura... do meu amor? sossegue: os seus parentes conhecem decerto meu tio e em eu lhe contando tudo... em ele sabendo do nosso amor... de...

D. CÂNDIDA (*vivamente*) – Ah! que diz? Quer-me deitar a perder?

LUÍS – Perder!

D. CÂNDIDA – Por quem é, não fale em tal a seu tio... que tanto o estima... e que tamanha afeição me tem...

LUÍS – A quem? A ti, Cândida? como? por que título?

D. CÂNDIDA – Que lhe importa?... a minha sorte depende dele... E ele tão sincero, tão generoso! Ah, que não saiba ele nunca... Eu morria, morria, decerto.

LUÍS – Que ouço? Então que é isto? Pois meu tio?... Que lhe vem ele a ser, meu tio Simplício? Diga.

D. CÂNDIDA – Não mo pergunte, trema de o saber... Luís... Em nome do Céu, se me tem ainda algum amor, parta já... não o devo tornar a ver... Seja esta a última vez.

LUÍS – A última vez!

D. CÂNDIDA – Assim é preciso. Adeus... adeus! *(Sai pela esquerda.)*

CENA XXI

LUÍS *(só)* – Fugiu... Que será isto? Ela depende de meu tio... meu tio é... Oh santo Deus! e este receio de o afligir... Não há dúvida, é sua filha; não pode ser outra coisa.

CENA XXII

LUÍS, SIMÕES.

SIMÕES *(entrando pelo fundo como quem procura alguém)* – Oh meu Deus! É o sobrinho... safa!...

LUÍS *(segurando-o)* – Espere, Sr. Doutor, foi o céu que o trouxe aqui.

SIMÕES – Não, meu senhor, foi a hora do jantar. Mas aonde está seu tio? Tenho-o procurado por toda a Parte...

LUÍS – O Sr. Doutor tem relações com meu tio há muito tempo?

SIMÕES – Há mais de dez anos, meu senhor.

LUÍS – Está bem: ninguém pode servir-me melhor... Eu espero que me não recusará um favor que lhe vou pedir.

SIMÕES – Está doente? Talvez a mudança de ar... Vejamos o pulso.

LUÍS – Não, doutor, por ora não; depois veremos... pode ser, não perca a esperança: mas agora o que eu lhe peço é que se empenhe com meu tio Para...

SIMÕES – Sr. Luís de Melo, eu tenho por princípio de me não intrometer...

LUÍS – já mo disse... Mas trata-se de uma coisa tão simples... tão natural... eu sei tudo, doutor, sei a razão por que meu tio se casou. E eu que o crimina por isso, agora acho que fez o que devia... Fez bem, fez muito bem; contudo a sua culpa para comigo sempre é a mesma; e não há senão um meio de a reparar.

SIMÕES – Qual é esse meio?

LUÍS – Dar-me a sua filha em casamento.

SIMÕES – E esta!... Que é o que diz?

LUÍS – Bem, bem, meu doutor! Guarde o seu segredo, ninguém lho pergunta... o que se quer é que fale a meu tio por mim, e lhe peça a mão de sua filha.

SIMÕES – De sua filha? Qual filha?

LUÍS – Porquê? quantas tem ele?

SIMÕES – Quantas! Eu realmente não sei aonde estou.

LUÍS – Não vou eu mesmo fazê-lo já, porque não tenho ânimo de ir lançar no rosto a meu tio uma falta... uma fraqueza de outro tempo... Não quero que ele core diante de seu sobrinho... O doutor é outra coisa... um amigo velho...

SIMÕES – Como! Pois está certo de que ele tem uma filha? (*À parte.*) O caso não é impossível.

LUÍS – Diga-lhe que assim fica tudo arranjado... tudo se remedeia. Os seus deveres para com ela, e as promessas que tantas vezes me fez.

SIMÕES – E vossa senhoria pretende estabelecer-se... ficar morando nestes sítios?

LUÍS – Tenho essas tenções, não há dúvida.

SIMÕES (*à parte*) – Bem... mais uma casa... um partido certo...

LUÍS – Encarregue-se de a pedir, que eu arranjarei o resto.

SIMÕES – E que dirá madame Simplício?

CENA XXIII

DITOS, SIMPLÍCIO.

SIMPLÍCIO (*de fora*) – Maldito sobrinho! Nunca, nunca lho hei de perdoar.

LUÍS – Ouve-o? ele aí vem contra mim. (*À parte.*) Alguém o soltou. (*Alto.*) Meu doutor, aí lho deixo.

SIMÕES – Espere... oiça...

LUÍS (*correndo*) – Nada... nada, safo-me...

CENA XXIV

SIMÕES, SIMPLÍCIO, D. TERESA.

SIMÕES – O rapaz tem um fogo... E eu que nada sabia!... Não se fiaram de mim.

SIMPLÍCIO (*entrando da esquerda, seguido de D. Teresa*) – Aonde está ele? aonde está? não está aqui...

D. TERESA – Fechar seu tio à chave! Ainda bem que eu tinha outra.

SIMPLÍCIO – Terá ele partido sem esperar a repreensão?

SIMÕES – Nada, não partiu; agora sai ele daqui.

SIMPLÍCIO – Saiu agora daqui? Falou-lhe, doutor?

SIMÕES – É verdade, e encarregou-me de uma comissão bem delicada.

SIMPLÍCIO – Bom, temos outra.

SIMÕES – Mas não sei se devo falar diante da senhora D. Teresa.

D. TERESA – Porquê? ele tem segredos com seu tio... era o que faltava.

SIMPLÍCIO – Sossegue, bela mamã, sossegue. Vamos, doutor, não se faça rogar.

SIMÕES – Pois bem, eu creio que o senhor é homem de bem, e não há de encobrir nada em um caso tão melindroso.

SIMPLÍCIO – Tão melindroso! O doutor quer-me assustar.

D. TERESA – Explique-se, explique-se, doutor.

SIMÕES – Então aí vai em duas palavras. O senhor seu sobrinho rogou-me que lhe pedisse para ele a mão de sua filha...

D. TERESA – Sua filha!... Aí está, aí está o que eu receava.

SIMPLÍCIO – Minha filha! Quem julga ele então que é minha filha?

D. TERESA – Uma filha! meu Deus, que indignidade, que infâmia!... Vejam que fortuna espera a minha pobre Cândida.

SIMPLÍCIO – Ora, senhor doutor, sabe que a graça que me não vai agradando?

SIMÕES – O quê... pois a senhora não sabia?...

D. TERESA – Não, doutor, enganou-me! enganou minha filha... Isto... Isto é o cúmulo do desaforo.

SIMÕES – Ah! senhor Manuel Simplício, senhor Manuel Simplício!

SIMPLÍCIO – Também o doutor! Então hoje anda o diabo à solta contra mim!

SIMÕES – Acredite, minha senhora, que eu ignorava absolutamente... aliás nunca teria coadjuvado...

D. TERESA – Pobre Cândida... vítima desgraçada!

SIMPLÍCIO (*Ironicamente*) – Desgraçada!

D. TERESA – Há muito que eu desconfiava quem o senhor Simplício era! Mas creia que o caso não fica assim. Há leis nesta terra, há tribunais...

SIMPLÍCIO – Sim, bela mamã?

D. TERESA – Cale-se, sedutor!...

SIMPLÍCIO – Sabe, senhora sogra, que me vai fugindo a paciência?

SIMÕES – A falar a verdade, senhor Simplício, o seu procedimento... é...

SIMPLÍCIO – Vá para o diabo, senhor doutor.

D. TERESA – O senhor é um velho libertino!

SIMPLÍCIO – E a senhora uma velha tonta!

D. TERESA – Acuda-me, doutor. Ai! que tenho o meu ataque de nervos. (*O doutor Pai a sair.*)

CENA XXV

DITOS e LUÍS (entrando quando o doutor sai).

LUÍS – Então, doutor?

SIMÕES – Meu caro, fale por si, que eu não costumo intrometer-me... Até logo. (*Sai pela esquerda.*)

SIMPLÍCIO – Meu sobrinho! Senhora, peço-lhe que... que se modere diante dele.

LUÍS – Meu tio, o doutor não lhe falou?

SIMPLÍCIO – Falou sim, senhor. E com as suas graças foi vossa mercê causa de eu... de eu ter um desgosto muito grande em minha casa... É verdade: pois vais dizer a esse médico falador que eu tinha uma filha, para ele ma vir pedir para casar, diante da senhora, desta querida mulher... que por um pouco se não encolerizou...

LUÍS – Talvez eu devesse primeiro dirigir-me à senhora.

D. TERESA – A mim!

LUÍS – Sem dúvida, pois não é sua mãe?

D. TERESA (*não se podendo conter*) – Justo céu! Veja, senhor, veja ao que me expõe.

SIMPLÍCIO – Eu endoideço! Palavra de honra.

LUÍS – julga talvez que o meu amor é um capricho, um destes namoricos?... Não, meu tio, essa jovem senhora de quem lhe falava esta manhã, que lhe disse que tinha encontrado nas Caldas...

D. TERESA – Nas Caldas?

LUÍS – Sim, meu tio; e não sei porque ela me disse que ia para Lisboa. Julgue qual seria o meu gosto encontrando-a aqui nesta casa. Ignorava que fosse sua filha: ela é que há pouco me deu a entender, apesar do terror que lhe inspirou o meu título de sobrinho... porque estou certo que a haviam de prevenir...

SIMPLÍCIO – É verdade, e verdade.

D. TERESA (*à parte*) – Será minha sobrinha?

LUÍS – Parece-me que o tio tinha passado palavra a todos, mesmo a sua prima, que eu igualmente aqui vi, e que é muito galante também. Lá nas Caldas fiz a corte a ambas, a falar a verdade, mas...

SIMPLÍCIO – Ah! tu fazias a corte a ambas?

LUÍS – Mas uma só é que amo deveras; e parece-me que agora nada obsta à satisfação dos meus desejos.

SIMPLÍCIO – Sim, sim, quando voltares da tua viagem, veremos.

LUÍS – Não, meu tio, quero agora mesmo uma resposta decisiva.

SIMPLÍCIO – Eu sei, meu Luís! fala com tua tia.

D. TERESA – Primeiro que tudo parece-me que deveríamos consultar...

LUÍS – Sua filha? É justo... contudo eu preferiria... É talvez uma criança... mas não fazem ideia do terror com que ela ficou quando lhe falei em a pedir a meu tio.

D. TERESA (*à parte*) – Meu Deus! se eu me enganaria... se Cândida?...

SIMPLÍCIO (*à parte*) – É singular! Não sei por que razão Lúcia...

LUÍS – Talvez que o tio seja muito severo de mais com ela. Eu suponho que a tiraniza o seu tanto. A prova disso é que nas Caldas fugia de mim ao princípio, não me queria ouvir, evitava-me.

D. TERESA – Ao princípio? e depois?

LUÍS – Depois um amor violento e sincero como o meu... bem sabe... D. Teresa (*à parte*) – Estou em ânsias.

SIMPLÍCIO (*refletindo*) – Na verdade custa-me a acreditar.

D. TERESA – O que acaba de dizer resolveu-me... Eu não dou o meu consentimento.

SIMPLÍCIO (*à parte*) – Ela recusa!

LUÍS – Pois bem, senhora; a minha felicidade e a sua talvez dependam do seu consentimento, porque ela... ama-me e... tenho provas disso.

SIMPLÍCIO – Tu via-la todos os dias, ias a sua casa?

LUÍS – Não... Ao princípio, já lhe disse, fugia de mim, não me queria aparecer: rigor que mais me apaixonava... até que enfim...

SIMPLÍCIO – Enfim?...

LUÍS – Uma noite... num baile alcancei uma confissão...

D. TERESA (*à parte*) – Como hei de eu interromper esta conversa maldita?

SIMPLÍCIO – Mais uma palavra... Tu não nos disseste qual das duas primas...

D. TERESA – Basta, senhor, esta conversa aflige-o... Não está bom, está...

SIMPLÍCIO – Não é nada... deixe-me...

LUÍS – Com efeito, meu tio está alterado!

SIMPLÍCIO – Vamos, tu deves saber os nomes: responde-me.

D. TERESA – Está pálido! Eu vou chamar alguém. (*Corre à campainha e toca com muita força.*)

SIMPLÍCIO – Espere, senhora. (*À parte*) já não é tempo, elas aí vêm.

LUÍS (*à parte*) – Como ele está fora de si!

SIMPLÍCIO – O seu nome... o seu nome?... dize-mo.

LUÍS – Mas que é isto, meu tio, que tem?

SIMPLÍCIO – O seu nome? pergunto-te o seu nome. (*Neste momento D. Lúcia e D. Cândida aparecem no fundo.*)

CENA XXVI

DITOS, D. LÚCIA, D. CÂNDIDA.

D. TERESA – Venha cá, senhora.

D. LÚCIA – Aqui estou... quer-me alguma coisa?

D. CÂNDIDA (*à parte*) – Ainda ele aqui está?

D. LÚCIA – Como a tia está zangada!

D. TERESA – E tenho razão para isso, senhora... mas é inútil recordar coisas que...

SIMPLÍCIO – Não é inútil, não é inútil: eu quero esclarecer este negócio.

D. TERESA – Ora, senhor!

SIMPLÍCIO – Nada! eu tenho as minhas razões... Lúcia... responda-me: em nome de sua tia e no meu lhe pergunto qual foi o seu procedimento nas Caldas?

LUÍS (*à parte*) – Ora esta! ele engana-se.

D. LÚCIA – O que eu fiz nas Caldas?... Dancei, não é assim, Cândida?... passei...

D. CÂNDIDA (*à parte*) – Eu morro!

LUÍS – Mas meu tio...

D. TERESA – Silêncio, senhor, não a defenda.

D. LÚCIA – Defender-me! de quê?

SIMPLÍCIO – Não se recorda de certo baile... de um passeio... de?...

D. CÂNDIDA (*à parte*) – Meu Deus!

LUÍS (*à parte olhando para D. Cândida*) – Que suspeita!

D. LÚCIA – Um passeio? Lembras-te disso, Cândida?

SIMPLÍCIO – Nada de rodeios, senhora; meu sobrinho contou-nos tudo.

D. CÂNDIDA (*à parte*) – Ele!

D. LÚCIA – Foi ele, o senhor que disse? Eu não me atrevo a desmenti-lo; mas ou eu me esqueci, ou... Cândida talvez se lembre melhor.

SIMPLÍCIO – Então, Cândida... já que sua prima nada quer dizer, fale, recorde-se.

D. TERESA (*à parte*) – Isto é morrer...

SIMPLÍCIO – Não responde?

D. CÂNDIDA – Senhor...

D. LÚCIA – Avia-te, responde a teu marido.

LUÍS (*estupefato*) – Seu marido! Meu Deus... que fui eu dizer! (*Tomando resolução.*)

D. TERESA (*que o percebe*) – Já era tempo.

LUÍS (*à parte*) – É preciso valer-lhe. (*Alto.*) Meu tio, para que está com esses interrogatórios? A senhora D. Când... ela ignorava esta aventura, e quando a soubesse, e tão amiga de sua prima, não a quer acusar.

D. TERESA – Tem razão, diz muito bem.

LUÍS (*a D. Lúcia*) – Quanto à senhora D. Lúcia, peço-lhe que não dissimule por mais tempo a indiscrição que eu cometi de falar dos nossos amores a meu tio...

D. LÚCIA – Sim? E esta!

LUÍS – O erro é imperdoável, convenho; mas tome o meu conselho, o meu exemplo, imite a minha franqueza. (*Baixo a D. Lúcia.*) Não me desminta, que eu caso.

D. LÚCIA – Não é possível!

LUÍS – Sim, adorada Lúcia, é preciso confessar tudo; assim poderemos esperar que...

D. LÚCIA (*à parte*) – Isto é um sonho.

SIMPLÍCIO (*tornando a si e alegre*) Então é verdade, Lúcia, que meu sobrinho te fez a corte, que tu lhe correspondeste nas Caldas?

D. LÚCIA – Ora, meu primo...

D. CÂNDIDA (*à parte*) – Ela confessa!

SIMPLÍCIO – Foste tu que naquele baile passeaste com ele?

LUÍS (*baixo*) – Ânimo!

D. LÚCIA – Espere... parece-me que sim... Sim, agora me lembra.

SIMPLÍCIO – Vejam lá a santinha!... E como ela negava com uma serenidade!...

D. LÚCIA – No meu lugar todas fariam o mesmo.

SIMPLÍCIO – Sim, lá isso é verdade... E tu, Cândida, minha querida, perdoas-me?

D. CÂNDIDA – O quê?

SIMPLÍCIO – Nada, nada. (*À parte.*) É o mesmo; mas antes quero que, Lúcia seja a mulher de meu sobrinho do que a minha...

D. TERESA – Ah! até que enfim respiro...

CENA XXVII

DITOS, SIMÕES.

SIMÕES – Meus senhores, venho dizer – lhes que o jantar está na mesa.

SIMPLÍCIO – Venha cá, doutor, há casamentos por aqui, venha.

SIMÕES – Sim! então arranjou-se tudo?...

SIMPLÍCIO – Meu sobrinho casa com a priminha...

SIMÕES – Ah! aposto que essa era a tal filha que ele cuidava?

SIMPLÍCIO – Pobre Luís, deves estar muito contra mim.

LUÍS – Meu tio, acredita que eu penso em tal! E então agora! tão feliz, tão...

SIMPLÍCIO – Sim, hás de sê-lo: e para começar a tua fortuna dou-te vinte contos de réis.

LUÍS e D. LÚCIA – Meu tio!

SIMPLÍCIO – E se querem ficar conosco, esta casa é grande, os jardins também... (A D. Cândida.) Não é assim, querida? Aqui podem passear sós... à noite... para se lembrarem...

LUÍS – Não, meu tio; eu volto para Lisboa com minha mulher... sempre preferi a capital

D. LÚCIA – Decerto! Nós preferimos a capital.

SIMÕES (*à parte*) – Ah, se eu tal soubesse! É uma casa de menos.

SIMPLÍCIO – Então, meu amigo, não te arrependes? Estás contente?

LUÍS – Sim, meu tio, e muito. (*À parte*) Era minha tia!

SIMÕES – Como todos estão contentes, vamos jantar.

SIMPLÍCIO – Dá o braço a tua tia, rapaz.

LUÍS (*indo a dar o braço a D. Cândida pára e vai oferecê-lo a D. Lúcia*) – Meu tio!... não: agora começam as minhas obrigações de marido.

D. LÚCIA (*baixo, por um lado, a Luís*) – Muito bem!

D. CÂNDIDA (*baixo, por outro lado*) – Muito bem!

D. TERESA – Vamos jantar.

TODOS – Vamos!